



DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A CRIANÇA COM AUTISMO: DESAFIOS PSICOPEDAGÓGICOS

¹ Erlange Rafaela Ponciano do Nascimento, Autora;

² Jaqueline da Cruz Zacarias Moura, Autora;

³ Maria José de Brito Araujo; Autora.

¹ UNEAL, erlange_rafa@hotmail.com;

² UNEAL, jaquelinecruz@gmail.com;

³ UNEAL, maria.araujo@uneal.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, é cada vez mais frequente nas instituições escolares a presença de crianças com Transtorno do Espectro Autista- TEA, fator que, de um modo geral, desperta grande inquietação e curiosidade a respeito da inclusão e desenvolvimento da aprendizagem desse alunado.

Isso costuma ocorrer devido às especificidades que pertencem a pessoa com Autismo em seus diferentes graus, além daquelas que cada indivíduo possui, independentemente de cada deficiência.

Mediante essa característica e a tantos outros fatores que abrangem o desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com Autismo, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos por meio da intervenção psicopedagógica, realizada durante o estágio supervisionado em Psicopedagogia Institucional, curso de especialização ofertado pela Universidade Estadual de Alagoas- Uneal, Campus I- Arapiraca.

As intervenções psicopedagógicas ocorreram com uma criança que tem Autismo de grau leve, matriculada no quarto ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública situada no município de Arapiraca-AL.

Com a finalidade de alcançar o objetivo desse estudo, foi utilizado como recurso metodológico a pesquisa de caráter bibliográfico, uma vez que a mesma possibilita o contato com informações previamente elaboradas acerca do objeto de estudo do interesse das pesquisadoras, possibilitando, dessa maneira, o bom desempenho de ações e conhecimentos. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

Utilizou-se ainda o estudo de caso, pois permite que os pesquisadores foquem no caso e retenham uma perspectiva logística e do mundo real, como o estudo dos ciclos individuais da vida, o comportamento de pequenos grupos, o desempenho escolar, dentre outros campos de pesquisa (YIN, 2015).

Aborda-se a seguir as principais características de uma pessoa com Autismo, com ênfase no seu processo de aprendizagem, em seguida apresenta-se uma reflexão acerca das especificidades inerentes à criança com a qual foi realizada o estágio, por fim, discute-se sobre os resultados e desafios encontrados durante as intervenções psicopedagógicas.

2 AUTISMO- CARACTERÍSTICAS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Muito se ouve falar acerca da pessoa com Autismo, tal temática agora é amplamente discutida em cursos de graduação em licenciatura, pós-graduações, formações continuadas, compondo constantes e recentes pesquisas com caráter científico, dada sua complexidade e necessidade de constantes investigações.

Na perspectiva de Cunha (2014), o autismo pode surgir nos primeiros meses de vida, mas, em geral, os sintomas tornam-se aparentes por volta dos três anos. Percebe-se na criança o uso insatisfatório de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva. A comunicação não verbal é bastante limitada, as expressões gestuais são inexistentes, porque a criança não atribui valor simbólico a eles.

Segundo Ferrari (2007) o termo Autismo origina-se do termo grego *Autós*, que significa de si mesmo. Assim, pode-se afirmar que a pessoa com Autismo pode apresentar dificuldades no contexto social, no desenvolvimento da fala e na comunicação.

No que diz respeito à dificuldade nas interações sociais, observa-se por parte das pessoas com autismo, uma dificuldade em estabelecer relações interpessoais, nota-se algumas vezes a falta de reação e interesse por outras pessoas, tais dificuldades são percebidas desde os primeiros anos de vida (SILVIA, 2011).

Tal fator pode ser vivenciado diariamente no convívio estabelecido entre a pessoa com autismo e seus pares, ou em diferentes ambientes sociais. Isso implica dizer que a pessoa com autismo pode não mostrar interesse em determinadas situações, mesmo que os indivíduos envolvidos estejam buscando estimulá-la por meio de comandos e entonações verbais, por exemplo.

A linguagem verbal é uma das formas do ser humano conseguir se comunicar e estabelecer a interação no meio social, utilizada em diferentes variações ao redor do mundo. No entanto, o indivíduo autista apresenta peculiaridades nesse aspecto, uma vez que pode demonstrar atrasos no desenvolvimento da fala, apresentar ecolalia - caracterizada como a repetição de palavras ou frases ouvidas anteriormente - ou ainda pode ser não-verbal.

Assim, a pessoa autista permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como um meio de comunicação (PRAÇA, 2011, p. 25).

Algumas outras dificuldades podem ser notadas nos indivíduos com autismo, tais como: a dificuldade em desenvolver o senso de imaginação e compreensão denotativa do sentido de algumas palavras e expressões de caráter subjetivo, fator incluso na dificuldade de comunicação. Além disso, podem apresentar atrasos no desenvolvimento da fala, ecolalia, pouco interesse por outras crianças, dificuldade na memória, dentre muitas outras características.

Contudo, vale salientar que assim como existem inúmeras diferenças entre as pessoas neurotípicas, da mesma forma acontece entre as que são autistas. Isso implica dizer que nem toda pessoa com autismo deve necessariamente apresentar a totalidade das características comuns ao transtorno de desenvolvimento.

Além disso, as pessoas podem reagir de diferentes modos aos ambientes no qual estão inseridas, bem como aos distintos estímulos que podem receber. O despertar da aprendizagem de uma criança com autismo no ambiente escolar, pode requerer constantes reflexões por parte das pessoas envolvidas nesse processo, uma vez que ela tende a demonstrar desconforto com o barulho, pode manusear de forma diferente os objetos escolares, apresentar dificuldades na concentração, dentre tantos outros aspectos que são particulares a cada indivíduo.

Aparecendo desde o nascimento ou nos primeiros anos de vida proveniente de causas biológicas desconhecidas, o Autismo tem demandado inúmeras indagações. Possui diferentes tipos de gravidade e está relacionado a outros sintomas que começam na infância, mas é abundantemente certo que o diagnóstico precoce, o tratamento especializado e a educação adequada melhoram a qualidade de vida em qualquer nível de comprometimento. O autismo é tratável (CUNHA, 2014).

Compreende-se que existem diferentes aspectos que podem englobar o desenvolvimento do processo de aprendizagem em todo indivíduo, pois esse desenvolvimento é estabelecido por meio da associação entre questões biológicas e os mais variados estímulos ofertados pelo meio social.

Sob a perspectiva de Vygotsky e Rego (1995) o cérebro, produto de uma longa evolução, é o substrato material da atividade psíquica que cada membro da espécie traz consigo ao nascer. No entanto, essa base material não significa um sistema imutável e fixo. As funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações entre o indivíduo e seu contexto social e cultural. Isto é, o desenvolvimento mental humano não é dado *a priori*, nem independente das formas sociais de vida

Tendo isto em vista, é válido evidenciar que a pessoa com autismo tem um cérebro capaz de construir novos conceitos e aprender. Contudo, tal construção pode requerer um maior tempo, ou precisar de uma metodologia diferenciada, capaz de entender as necessidades do seu sistema de compreensão. Para Cunha (2014, p. 88), ele aprende de forma singular. Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre geram sentido, conhecimento.”

3 OS DESAFIOS PSICOPEDAGÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE UMA CRIANÇA COM AUTISMO

A criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) carece de orientação e assistência para atravessar as etapas e estágios da evolução cognitiva, visto que essa passagem não é natural, como ocorre com as crianças que não têm o transtorno.

Em consequência desta precisão surge a intervenção psicopedagógica, que possui como norte buscar e observar a ligação da criança com a aprendizagem.

Na busca de uma qualidade de ensino, a inclusão do aluno autista beneficia suas oportunidades de um mercado de trabalho e lazer, valorizando sua individualidade, com o intuito de tornar iguais os acessos e chances.

Tem-se visto que a matrícula de educandos com autismo nas escolas se tornou crescente, é preciso conhecer e compreender como essas crianças desenvolvem a aprendizagem, e como os profissionais da educação podem ajudar desde a sua formação inicial para que o avanço e a escolarização destas crianças ocorram.

Dessa maneira, a oportunidade de inventar o dia a dia (CERTEAU, 1994) possui a solução adotada pelos que colocam sua capacidade criadora para inovar, acabar com velhas parcerias, resistências e lugares perpetuados na educação.

Para estimular o desenvolvimento da criança autista, é relevante a observação dos docentes à frente das dificuldades de aprendizagens, pois, pode favorecer para que a própria possa ser cuidada ou ter sua gravidade reduzida. O próximo passo é muito importante, em sala de aula não se pode rotular o estudante ou discriminá-lo sem ao menos saber o que está ocorrendo por dentro. Motivos como fadiga ou questões emocionais necessitam ser diferenciadas das dificuldades de aprendizagem, visto que precisam ser analisadas e estudadas. É significativo esclarecer as crianças que tal dificuldade manifestada tem nome, motivo e uma solução.

Tratando-se acerca da inclusão do indivíduo na sala de aula do ensino regular, “as adaptações curriculares tornam-se de grande importância para propor ações que prevejam um currículo mais apropriado, [...] que busque alcançar as necessidades específicas apresentadas por esses alunos, [...]” (MANZOLI; SIGOLO, 2012, p. 90).

Nesse cenário da alfabetização, Cunha (2016, p. 81) evidencia que a escola é, em seu âmago, um ambiente que gera aprendizado de letramento e alfabetização, todavia, “[...] a ênfase dessa prática não pode estar centrada somente no processo de aquisição de códigos alfabéticos e numéricos, mas também, acima de tudo, nas experiências e vivências socioculturais, familiar e escolar”. Em síntese, o educador que deseja alfabetizar e letrar seu discente precisa compreender esse indivíduo bem como conhecer princípios e seus interesses precisões, entendendo, desse jeito, seu universo, e seu desempenho educacional.

A intervenção psicopedagógica dirigida à criança com dificuldade de aprendizagem visa promover ajuda continuada a mesma, na medida em que representa uma situação protegida de ensino e aprendizagem, com objetivo de sensibilizar, diminuindo a ansiedade frente à tarefa de aprender e propiciando o desenvolvimento de habilidades e transmissão de conhecimentos (LINHARES, 1998). No entanto, esta possui grande relevância, “porque se realizam entre um sujeito que acompanha o processo e outro que o vivencia ativamente, configurando ambos, um sistema transformador” (BARBOSA, 2010, p. 15).

Nesse cenário, foram usados materiais psicopedagógicos e lúdicos na realização das sessões com o aluno autista, com o intuito de observar e intervir, entender as características da criança e reconhecer o seu grau cognitivo e social.

Conforme Fischer (2005), é relevante direcionar a criança para que use o corpo como meio de aprendizado intelectual, pois no momento em que ele fixa no pensamento concreto, também usa meios concretos na aprendizagem. Em conformidade com Silva (2012, p. 87) a

[...] alfabetização precisa ter uma função [...] é preciso que tenhamos muita criatividade para adaptar materiais e inserir as letras [...], no âmbito da vivência do discente. No que se refere o desenvolvimento do aluno, é importante que o educador faça atividades que se associem com as carências existentes do aluno, visto que é preciso a junção do aprendizado [...] ao maior número possível de estímulos concretos: o aluno que está aprendendo a contar, por exemplo, precisa sentir” as quantidades e os números de forma palpável (SILVA, p. 81).

Pais e educadores devem encorajar as crianças a encararem os problemas, oferecer segurança e apresentar as soluções em vez dos problemas, visto que a criança que advém de uma família que valoriza a escola e mantém com esta um relacionamento cujo interesse é o ensino-aprendizagem, apresenta melhor desenvolvimento sócio cognitivo e aprende mais.

Com base em Amy (2001, p. 27-28):

A família tem um papel insubstituível de síntese das diferentes contribuições recebidas pela criança. É em família que tudo isso é assimilado. Nós não pensamos que os pais devam substituir os educadores, caso em que perderiam algo de seu papel insubstituível, nem, sobretudo, realizar o trabalho técnico dos profissionais [...].

Um ponto que chamou bastante atenção durante o estágio foi a falta de comunicação e interação entre os professores da sala de aula regular e a professora do Transtorno do Espectro Autista (TEA), visto que a união desses profissionais é muito relevante focando o progresso da inclusão do discente com TEA, posto que uma das atribuições do instrutor do AEE, conforme regulamentado na Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009, em seu artigo 13, inciso VIII, deve-se,

Estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, 2009, p. 3).

No entanto, como foi revelado, essa relação deixa a desejar, uma vez que a professora do AEE não contribui de forma direta com o trabalho dos professores da sala regular, uma vez que ambos devem interagir de forma mais nítida em prol do desenvolvimento educacional do educando, assim, essa troca de ideias deve ser colocada em prática para uma inclusão efetiva.

Dessa forma, ficou nítido que não é suficiente, unicamente, que o aluno esteja em sala de aula para estar socializada, é preciso que os outros profissionais do ambiente escolar em conjunto com os docentes estejam em alerta no intuito de mediar e auxiliar o autista.

É oportuno, contudo, destacar que a efetivação da relação entre os professores e a psicopedagoga, tem caráter de urgência e que essa prática possa ser mudada, a título de exemplo, devem ser feitas reuniões em coletividade com esses profissionais, moldando oportunidades de comunicação e câmbio de saberes, no qual se planejem técnicas e maneiras de inclusão dessa criança no ambiente escolar e que, propiciando uma inclusão verdadeira e os autistas adquiram sua autonomia na escola, na família e na sociedade.

No que se referem aos assuntos que inclui o planejar das estratégias pedagógicas inseridas em práticas, chamam a atenção para a elaboração de um planejamento mais disciplinado, que respeite as verdadeiras necessidades dos autistas. Assim sendo, é necessário interferir na atuação dos professores tanto da sala regular quanto do AEE, a fim de que essa interação se efetive de modo mais planejado, onde os mestres e demais profissionais, que constituem a escola, sejam investigadores assíduos de suas práticas, raciocinando acerca do fazer e promovendo opções de modificação. É indispensável que se planeje entendendo as metas determinadas e que a intervenção a ser feita possa de verdade conduzir aos objetivos almejados.

Durante o estágio interventivo foram realizadas atividades com o intuito de desenvolver a percepção das letras, leitura, escrita, raciocínio lógico-matemático, coordenação motora e expressões emocionais. Para esse fim foram usados jogos, brincadeiras e estratégias psicopedagógicas, que atendessem as características do aluno. Além de utilizar estratégias que envolvessem sensações para aumentar a coordenação motora, foram usados recursos tecnológicos para incentivar a concentração e percepção do aluno.

Dentre tais atividades, descreve-se as reações em relação aos estímulos recebidos, a atividade do quebra-cabeça diminui a ansiedade visto que é uma atividade em que as peças se complementam e compõem uma gravura no fim. A criança gostou muito dessa atividade e interagiu bastante, no final, ele pediu outro com a imagem de seu personagem favorito: os vingadores.

Na atividade que foi trabalhado com o alfabeto móvel, a criança demonstrou dificuldade em relação a algumas palavras, quando não conseguia só, pedia auxílio para recordar a pronúncia dos sons e assim escrevê-las, fez o nome dela sem dificuldades. Enquanto na discriminação visual ela demonstrou dificuldade em “borboleta” e “carro”, frequentemente dizia “não consigo” e “não sei”, com ajuda da pronúncia dos sons ela conseguiu finalizar a atividade, porém sem muito ânimo.

Segundo Santos (2008, p. 30), “o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno”.

Nem sempre o discente sabe o que fazer se o docente utilizar a palavra “Não”. O mais viável é oferecer-lhe um objetivo, dizer-lhe o que é capaz de fazer; dar-lhe opções de escolha. Não existem alunos idênticos com autismo, o que tem êxito para um pode não ter para outro.

Cunha, (2012, p. 118) indaga:

Como o professor poderá conduzir o processo de aprendizagem? A sua fala precisa ser serena, explícita e sem pressa. A voz é o convite do docente, é a identificação do objeto, é o exercício de comunicação oral. Ele está propondo, nomeando e dando sentido ao trabalho em sala. Por isso, deve ser objetiva e funcional.

O educador precisa ser calmo, observador, mediador, afetivo, direto, ciente ao mediar a evolução do educando, pois nos primeiros momentos estes diálogos não são fáceis e que o discente pode não aceitar algum limite dado pelo docente. Assim, o professor precisa estar pronto para utilizar novas práticas pedagógicas e metodologias, expondo para ele formas necessárias de solucionar problemas, sem que o próprio tenha comportamentos intempestivos ao conduzir o trabalho.

A cooperação da família é imprescindível para que o desenvolvimento cognitivo e o aprendizado da criança venham ocorrer da forma prevista. A escola não consegue sozinha fazer com que o desenvolvimento da criança aconteça, por essa razão há uma necessidade de estabelecer este vínculo com a família no processo de escolarização da criança com autismo.

São práticas que podem fazer parte do fazer pedagógico do professor pesquisador, a evolução adaptação de materiais, confecção de recursos entre outras estratégias, e assim refletir sobre sua própria prática, levando em consideração que, o “[...] bom material leva o aprendiz a exibir comportamentos e habilidades que vão variando até atingir desempenhos mais refinados” (CUNHA, 2016, p. 120).

Referindo-se ao aluno com autismo, o que o autor acima citado defende é capaz de levar o professor a entender melhor sua evolução e desenvoltura, suas precisões, os temas que são úteis, as competências, dentre outras questões importantes para a sua inclusão. Contudo, os alunos não devem ser avaliados mediante equiparações em relação à evolução do outro aluno, porém considerando seu respectivo progresso.

Nesse cenário, “[...]”, é certo que o professor sozinho não transforma a sala de aula; as práticas pedagógicas funcionam como espaço de diálogo: ressonância e reverberação das mediações entre a sociedade e a sala de aula” (FRANCO, 2012, p. 162). Desse modo, a escola deve andar junto da família e da comunidade, intensificando as condutas que refletem no desenvolvimento do indivíduo.

Em outra atividade que foi trabalhada com o jogo “Par Perfeito”, no decurso do jogo, à medida que as pesquisadoras puxavam as cartas a fim demonstrar os pares, elas permitiram que ele vencesse a primeira sequência do jogo para experimentar o seu comportamento relacionado a ganhar ou perder. Ele ficou maravilhado por ter vencido. Elas continuaram a

evolução da segunda partida, mais à vontade o aluno soletrou as frases com certa dificuldade, atingindo ao objeto final. Na segunda partida ele perdeu, demonstrando insatisfação e lançou um olhar de reprovação para as professoras.

Segundo Santos (2014), o Transtorno do Espectro Autista causa problemas na socialização, na interação e nas regras de convivência. De forma que a criança não consegue se relacionar socialmente, tendo problemas inclusive, para identificar as intenções no discurso do outro, acarretando assim, danos na sua integração. De acordo com o grau de autismo que a criança possui, ela é capaz de se envolver em atividades em que demonstrar grande interesse e afinidade. Em casos mais graves, a criança não consegue realizar suas atividades básicas sozinha, dependendo, assim, da ajuda constante de um adulto para auxiliá-la. No entanto, a intervenção médica e educacional podem proporcionar uma melhor qualidade de vida em pessoas com autismo, criando condições para o aluno desenvolver (dentro de seus limites) o seu potencial no contexto acadêmico, social e emocional.

Desse modo, com um olhar psicopedagógico (que busca constituir os aspectos cognitivos e afetuosos que agem nos graus responsáveis e irresponsáveis do comportamento), quaisquer jogos, os próprios que incluem regras ou uma atividade física, oferecem recinto para o imaginário, a fantasia e o arremesso de assuntos carinhosos, além da arrumação coerente implícita. Conforme Campos (2005), o psicopedagogo “não interpreta, mas deve poder compreender as manifestações simbólicas e procurar adequar as atividades lúdicas às necessidades do aluno.”.

De acordo com Tezani (2004), o jogo é fundamental como método pedagógico e/ou psicopedagógico, porque no brincar a criança desenvolve a teoria e ação, formula experiências e hipóteses, tornando o aprendizado interessante e atrativo. Dessa maneira, a formação de um lugar de jogo, de criatividade e de interação propicia o aprender com significado e sentido, onde o querer e o gostar encontram-se presentes.

De imediato Bertoldi (2003) destaca que a criança que possui vínculos iniciais com o aprender de forma lúdica, certamente, tem possibilidades de fortalecer um contato mais otimista com o ensino explícito e está mais confortado para enfrentar as frustrações e medos próprios ao processo do aprender.

No dia que foi realizada a atividade "saco surpresa", a evolução da reação do aluno chamou bastante a atenção das pesquisadoras; nesta atividade devia retirar uma letra do saco surpresa e em seguida dizer uma palavra que inicia com aquela letra. Depois devia dizer uma palavra que termina com a mesma letra.

Após algumas partidas, fechou os olhos e sorrindo colocou a mão dentro do saco fez um suspense e retirou a letra S, a professora solicitou que ele dissesse uma palavra que iniciasse com aquela letra e ele radiante falou o nome da mãe dele. Então pesquisadora pediu que ele falasse outra palavra que terminasse com a letra S, ele repetiu o nome da mãe, foi explicado que o nome dela iniciava com a letra S, mas não terminava com a mesma letra e

ele baixou a cabeça e disse, "só sei essa". Mais uma rodada, pediu-se para que ele chacoalhasse o saco e retirasse outra letra, assim ele fez, mas meio desconfiado, e retirou a letra A, então ele todo eufórico disse alto: "Alegria".

Então, foi solicitada outra palavra finalizando com a mesma letra, ele pensou, ficou sério e falou: "Tristeza", em seguida ficou com a carinha de choro por alguns minutos, começou a chorar. As professoras o acalentaram e questionaram o porquê daquele choro e ele comentou que a tia preferida estava muito doente e relatou como ela estava mal, neste momento foi possível sentir o quanto elas passaram confiança para ele, de modo que, ele as abraçou por longo tempo.

Compreende-se que o nível de autismo influencia a capacidade da criança. Se o grau for alto, ela não é capaz de executar sozinha nem as tarefas simples, contudo, destaca-se que a família, os educadores e os médicos têm ampla influência na evolução desse sujeito.

Considerando a visão de Santos (2014), entende-se que é necessário o acompanhamento médico especializado e, deve ser feito através da união entre os pais, educadores e demais profissionais, pois é necessário para desenvolver as habilidades: cognitivas, afetivas, além de sociais. Sendo fundamental o acompanhamento destes profissionais capacitados e especializados, tanto em casa quanto na escola.

Segundo Cunha (2011, p. 53), "[...] transforme as necessidades do aprendente em amor pelo movimento de aprender e de construir. Concede-lhe autonomia e identidade." Dessa forma, o começo da construção da independência do autista acontece quando existe amizade entre ele e o seu educador.

É imprescindível salientar que os autistas levam mais tempo para compreender o que os demais sentem ou pensam, a título de exemplo, perceber que o outro indivíduo está contente uma vez que deu um riso ou pela sua expressão ou gesto. Além da dificuldade de contato social, atitudes violentas são comuns, principalmente quando estão em locais desconhecidos ou quando se sentem desapontados.

É importante ressaltar que no decurso da intervenção, o aluno foi progredindo e passou a interagir bem mais, a questionar, a manter um diálogo mesmo que curto, a compartilhar interesses e situações, e assim por diante. Além disso, foi constatada uma melhora com relação à motricidade da criança, contudo, esta ainda precisa ser mais trabalhada e aperfeiçoada.

3 CONCLUSÃO

Perante o exposto, o estudo realizado questionou as estratégias que o sistema de educação tem feito para incluir na realidade a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sociedade, através da educação e da família.

Com base nos resultados, chega-se à conclusão de que, os instrumentos que foram usados na intervenção psicopedagógica com o autista, propiciaram um importante aporte para a evolução das competências do sujeito, e também demonstram que foi possível conseguir atender às expectativas das pesquisadoras com relação aos elementos sobre os quais elas de propuseram a investigar.

A realização desse estudo foi bastante gratificante tanto na teoria quanto na prática, revelando-se em um valioso aprendizado, que servirá de exemplo para a prática pedagógica, enquanto professor(as) e, sobretudo, como psicopedagogo(as). São experiências que vivenciamos na condição de aluno(as), profissionais da educação e como membros ativos e participativos em uma sociedade inclusiva.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** / Secretaria de Educação Especial. - Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010. 73 p

BLUM, Emily A. Francisco; Daiane S. Alves; WATANABE, Minori. DA AVALIAÇÃO À INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA: UM ESTUDO DE CASO. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9479_5472.pdf. Acesso 07/05/2019

COSTA, Fihama Brenda Lucena da. **O processo de inclusão do aluno autista na escola regular: análise sobre as práticas pedagógicas** / Fihama Brenda Lucena da Costa. - Caicó: UFRN, 2017. 92f.: il.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.

_____.E. **Práticas pedagógicas para a inclusão e diversidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PIERRE, F. **Autismo infantil: o que é e como tratar**. Tradução de Marcelo Dias Almeida. São Paulo: Paulinas, 2007- (Coleção Caminhos da psicologia).

PRAÇA, E. T. P. de. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de ciências exatas. Pós-Graduação em Educação Matemática, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <>. Acesso em: 27 jun. 2019, 08:43:40.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995- (Coleção Educação e conhecimento).

Revista COCAR, Belém, v.10, n.20, p. 73 a 96 – Ago./Dez. 2016.

ROMANO, Alexandra Daniele. **Autismo: um estudo de caso.** Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26275_13130.pdf. Acesso em: 18/06/2019

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar:** a escola comum inclusiva / Edilene Aparecida Ropoli ... [et.al.]. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010.

SILVA, E. C. S. da. **A prática pedagógica na inclusão educacional de alunos com autismo.** 2011. 166.Dissertação (Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/9684/1/%C3%89lida%20C.%20Santos%20da%20Silva.pdf>>Acesso em: 26 jun. 2019, 09:15:30.

TULIO, ADRIANA GIRELLI. **A importância de diagnosticar a criança com autismo em sua primeira infância.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde2012/arquivos/11597-30.pdf?PHPSESSID=2014111109475719>. Acesso em: 16/05/2019

YIN, R. B. **Estudo de caso planejamento e métodos.** 5. Ed. São Paulo, Bookman, 2015.